

# (DES)ORIENTALIZAÇÃO, (DES)COLONIZAÇÃO, (DES)TERRITORIALIZAÇÃO: DIÁLOGOS ENTRE O BRASIL E A ÍNDIA NO PÓS-GUERRA<sup>1</sup>

(DE)ORIENTALIZATION, (DE)COLONIZATION, (DE)TERRITORIALIZATION:  
DIALOGUES BETWEEN BRAZIL AND INDIA IN THE POSTWAR

Gisele Pereira de Oliveira<sup>2</sup>

## RESUMO

Entre o início e meados do século XX, entre as duas grandes guerras, e como resultado delas, houve uma mudança ideológica em relação às culturas/sociedades tradicionais e ancestrais, não ocidentais e “periféricas”. Dessa forma, artistas, intelectuais e ativistas se voltaram ao legado dos povos tradicionais, tais como a tradição judaica, a do paganismo europeu, a indígena e afro-brasileira, assim como a literatura filosófica e ritualística da Índia antiga, como uma forma de erradicar o preconceito e de apreender conhecimento, uma vez que as conquistas tecnológicas, apesar de preciosas, levaram às guerras. O objetivo deste trabalho é aproximar três personalidades, quais sejam, Cecília Meireles (1901-1964), Rabindranath Tagore (1861-1941) e Mahatma Gandhi (1869-1945), e analisá-las em diálogo, em pensamento e em trânsito, entre o caos e,

um dos seus frutos, o otimismo, vigentes na primeira metade do século XX, com o intuito de apreender parte da inquietação intelectual e suas propostas e atitudes para amenizar tantos males, entre o orientalismo e a desorientalização, o colonialismo e a descolonização, e, por fim, a territorialidade e a desterritorialização.

**Palavras-chave:** Cecília Meireles; Tagore; Gandhi; orientalismo; pós-guerra, pós-colonialismo.

## ABSTRACT

During the first half of the 20th century, considering the two wars, and as a consequence of those, an ideological change took place specially regarding the traditional and archaic, non-western and “peripheral” cultures/societies. As a

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Seminário Internacional Max Weber 150 anos/VII Colóquio Internacional de Ciências Sociais/VI CESO, UFRN, 2014, com o título “(Des)orientalização, (des)colonização, (des)territorialização: ideias e diálogos entre o Brasil e a Índia no pós-guerra a partir de Cecília Meireles”.

<sup>2</sup> Mestre em História Social pela FFLCH-USP e doutora em Literatura e Vida Social pela FCL-UNESP-Assis. Professora Substituta em Letras na UEPB – Campus III. Contato: giselepdeoliveira@uol.com.br.

result, artists, intellectuals and activists turned to the legacy of the traditional peoples, such as the Jewish, the pagan, the indigenous or African-Brazilian tradition, and the Vedic philosophical and ritualistic literature of Ancient India as a way to eradicate prejudice, and to learn, once the technological knowledge, though precious, led to wars. The objective here is to look into the thought, work and relationship among three personalities, i.e., Cecília Meireles (1901-1964), Rabindranath Tagore (1861-1941) e Mahatma Gandhi (1869-1945), observing their transit, their exchange, from chaos and optimism, from their concern to their proposals and action towards dealing with (de)orientalization, (de)colonialization and (de)territorialization.

**Keywords:** Cecília Meireles; Tagore; Gandhi; orientalism; postwar, postcolonialism.

## INTRODUÇÃO

Entre o início e meados do século XX, entre as duas grandes guerras, e como resultado delas, houve uma mudança ideológica em relação às culturas/sociedades tradicionais e ancestrais, não ocidentais e “periféricas”. A tonalidade do momento seria a do resgate das culturas tradicionais, das heranças históricas dos mais diversos povos, seja o legado judaico, a tradição europeia pagã, o folclore da matriz indígena ou africana (como no Brasil), sejam as práticas ritualísticas e tradições filosóficas indianas no pós-colonialismo, entre outros.

Isso se justificou, por um lado, pela tragédia da segunda grande guerra,

causada pela ideologia de superioridade e, conseqüentemente, a de inferioridade dos povos – no caso entre o povo alemão e o judeu. Por outro lado, devido ao desencantamento oriundo da constatação do fracasso do progresso, da tecnologia, da modernização como produtos da modernidade e pelos quais se esperava que a humanidade se tornasse feliz, plena e realizada. Assim, principalmente entre os intelectuais e os artistas, há uma preocupação para com os legados culturais anteriores à Era Moderna: história oral, magia, paganismo, ócio contemplativo, contemplação da natureza, sabedoria das sociedades pré-modernas etc.

A partir dessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é aproximar três personalidades, quais sejam, Cecília Meireles (1901-1964), Rabindranath Tagore (1861-1941) e Mahatma Gandhi (1869-1945), e analisá-las em diálogo, em pensamento e em trânsito, entre o caos e, um dos seus frutos, o otimismo, vigentes na primeira metade do século XX, com o intuito de apreender parte da inquietação intelectual e suas propostas e atitudes para amenizar tantos males, entre o orientalismo e a desorientalização, o colonialismo e a descolonização, e, por fim, a territorialidade e a desterritorialização.

## CECÍLIA, TAGORE E GANDHI: ENTRE COINCIDÊNCIAS E SINGULARIDADES

Brasil e Índia: duas ex-colônias, duas nações “periféricas”. Uma brasileira e dois indianos: poesia, educação, palestras, conferências, livros, movimentos sociais e inúmeras viagens.

Mesmo sendo uma das principais intelectuais brasileiras de todos os tempos, o papel de Cecília Meireles na história das ideias do Brasil do século XX é geralmente subestimado pela academia. Viajante, poliglota e detentora de um conhecimento abrangente sobre diversas culturas, representou o Brasil de diversas formas e em muitos países diferentes. A Índia, sobretudo, se destaca em sua biografia e produção.

Cecília Meireles, devido à sua descendência açoriana (por família materna), sua orfandade e, com isso, uma formação diversificada e abrangente, imersa em meio à tradição açoriana, ao legado afro-brasileiro (transmitido pela pajem homenageada em poemas e crônicas), à vida efervescente e cosmopolita do Distrito Federal (Rio de Janeiro da primeira metade do século passado), à vocação precoce para a leitura e à curiosidade e imaginação faminta pelo mundo, pela diversidade cultural e humana, foi a intelectual brasileira que mais alcançou em termos de contato e produção globalizados.

Poetisa, educadora, cronista, tradutora, pensadora, mostrou-se ciente do e imune ao orientalismo, décadas antes de Said cunhar e popularizar o termo, e voltou-se à Índia sorvendo, do legado milenar filosófico-religioso e literário, conteúdo suficiente para dialogar com a tradição e com a contemporaneidade indianas num período de luta pela independência, de reconstrução sociocultural, de descolonização. Nesse contexto interlocutório com uma tradição milenar, porém “periférica” e em processo de reestabelecimento de autonomia, elege duas personalidades, dois intérpretes dessa cultura

e do ocidente, contemporâneos a ela: Rabindranath Tagore e Mahatma Gandhi.

Por um lado, a Índia se faz presente na lírica ceciliana como *locus* poético, especialmente no livro *Poemas escritos na Índia*, mas não exclusivamente ali, uma vez que imagens e outras apreensões sensíveis de suas paisagens, do seu povo, dos hábitos cotidianos e/ou sagrados e de algumas personalidades (Gandhi, Tagore, Vinoba Bhave, Sarojíni Naidu, Jawaharlal Nehru) dão vida a diversos poemas. Por outro lado, aspectos filosófico-religiosos, ou do imaginário indiano, fazem parte do pano de fundo ideológico de sua poesia, dando subsídio para sua noção de temporalidade, sua visão de mundo, dos seres, da Vida, do Ser, da morte e de seu além.

Além disso, palestrou e escreveu sobre a Índia, principalmente, em suas crônicas publicadas em jornais. Traduziu obras de Tagore e escreveu uma biografia de Gandhi.

Rabindranath Tagore, por sua vez, foi escritor (poeta, dramaturgo, romancista, contista, ensaísta, tradutor), compositor, pintor, ator, folclorista, educador e pensador. Entretanto, a tônica de sua produção é específica: “tudo converge para um fim superior, na obra de Tagore. É uma obra educativa, sem nenhuma aparência ou intenção didática” (MEIRELES, 1980, p. 165).

Primeiro não europeu a receber o prêmio Nobel, em 1913, tem suas obras traduzidas para o português publicadas no Brasil a partir do mesmo ano. Dilip Loundo resume a importância da voz de Tagore na literatura: “uma personalidade cuja importância no contexto continental da língua bengali (a Índia e Bangladesh, em especial) assume proporções semelhantes ao papel

desempenhado por um Shakespeare, por um Goethe, por um Cervantes, ou por um Machado de Assis” (LOUNDO, 2011, p. 46).

Na Índia, Tagore teve papel fundamental na revalorização da arte, produção artesã e da agricultura dos vilarejos indianos durante o período de descolonização. Além de visitar os vilarejos, orientar os artistas, os artesãos e os agricultores, registrar essa sabedoria autócotone em sua produção escrita e artística, funda a escola de ensino fundamental e técnico de Shantiniketan, que se ampliaria em universidade, a Visva-Bharati University, na Bengala Ocidental. Dessa forma, revitalizou as práticas produtivas indianas, preservou o conhecimento nativo (pré-colonização) e revolucionou o ensino, criando um método de ensino que unia a teoria e a prática, a tradição e a contemporaneidade, o local e estrangeiro.

Finalmente, Mohandas K. Gandhi, ou o Mahatma (“grande alma”), é geralmente conhecido por sua atividade política e social que contribuíram relevantemente para o processo da independência da Índia do domínio britânico, que se deu em 1947. Entretanto, seu carisma, sua militância e ideologia se originaram da tradição espiritual milenar da Índia, adotada como prática religiosa do pacifista: “A práxis sociopolítica de Gandhi da não-violência (*ahimsa*) – a não-ação ativa – foi a forma histórica assumida por uma disciplina imemorial de renúncia, em conformidade com os ensinamentos dos *Upanishads* entre outros” (LOUNDO, 2007, p. 150). Gandhi representa para Cecília Meireles uma voz que merece ser ouvida, se não pelo conhecimento que detém, pelo menos pela força e eficiência que provou

ao mobilizar milhões de pessoas em prol de uma revolução sem armas, sem violência, pacífica e eficaz – em contraposição às guerras ocidentais.

Essas três personalidades têm a Índia e seu legado sociocultural em comum. Apesar de suas singularidades quanto à atuação, ao ofício ou ao enfoque, se aproximam pela condição de descolonizados, de desterritorializados, devido à circunstância contínua de trânsito, às viagens múltiplas ou de estadia de longa duração em outros países, e por uma postura desorientalizante, ao apresentarem um Oriente real, diferentemente daquele orientalizado para ser dominado. Talvez o que também os aproxime seja o silêncio que a academia brasileira lega a eles e sua história e relação entre si – o que tentamos minimizar com esse artigo.

Dito isso, falaremos a seguir dessas personalidades pelos temas da desorientalização, desterritorialização e descolonização.

## **CECÍLIA MEIRELES ORIENTALISTA?**

Uma das análises que mais problematizou a bipolaridade entre Ocidente e Oriente em termos de dominação foi o orientalismo de Edward Said, publicado em 1978.

Edward Said defende que todo orientalismo inicia sua pesquisa “com a percepção de que a cultura ocidental está passando por uma fase importante, cuja característica principal é a crise que lhe foi imposta por ameaças como a barbárie, as preocupações técnicas estreitas, a aridez

moral, o nacionalismo estridente, e assim por diante” (SAID, 1990, p. 263).

Em um primeiro sentido, o orientalismo é um estilo de pensamento baseado em uma distinção ontológica e epistemológica feita entre o Oriente e o Ocidente. E em outro sentido, apresenta-se como algo mais histórico e materialmente definido, designando o modo pelo qual se negocia o Oriente como objeto de uma instituição organizada. Negocia-se o Oriente por meio de declarações a seu respeito, autorizando opiniões, descrevendo-o, invadindo-o e apoderando-se dele, ou seja, estilizando-o para dominá-lo e reestruturá-lo. Em outras palavras, trata-se de uma falsa tutela estabelecida por eruditos, missionários, negociantes, militares e, principalmente, literatos. Caracterizado um Ocidente dominador e um Oriente dominado, infere-se que as terras orientais devem ser ocupadas e seus sangues, tradições e tesouros postos à disposição.

A noção de Oriente como invenção do Ocidente implica em uma construção ideológica do outro com o fim de legitimação de uma dominação, não só política e econômica, mas cultural, pois o Oriente é retratado como “primitivo”, “infantil”, “atrasado”; ou seja, como um povo a ser tutelado para seu progresso e educação nos moldes idealizados e privilegiados pelo Ocidente, mais especificamente pela Europa.

Cecília Meireles escreveu crônicas para jornais e artigos, conferenciou e ministrou aulas sobre a Índia. Sua postura se apresentou como a de uma indóloga, e não como uma orientalista, uma vez que teceu discussões críticas sobre a Índia de forma científica, refletindo sobre suas problemáticas no período pós-colonial

ao mesmo tempo em que valorizou seu legado de conhecimento e acervo cultural múltiplo e milenar.

Como exemplo do “não orientalismo”, ou da indologia, da Cecília, citamos um excerto de sua crônica de viagem “Oriente-Ocidente”:

O viajante ocidental precisa de uma iniciação antes de partir para o Oriente. Creio que essa iniciação lhe será útil seja qual for o país a que se destina. Precisa conhecer a história desses velhos povos, um pouco de suas ideias filosófico-religiosas, uma boa parte de seus costumes e tradições. Precisa, também, conhecer a atualidade desses povos, que não estão mortos, mumificados, incertos, mas, ao contrário, vivos, em grande vibração, procurando equilibrar a sua sabedoria de passado com a ciência e a técnica do tempo presente, o que é trabalho delicado, tanto no plano nacional como no internacional (MEIRELES, 1999, p. 39).

Nesse excerto fica notória a postura de Cecília em ir de encontro à tendência ocidental de buscar o Oriente pelo que teria de exótico conforme as narrativas orientalistas, especialmente do século XIX. Contrapondo-se a isso, ela instrui as pessoas a conhecerem a Índia como ela realmente é, por sua história, sua cultura e seu momento atual, na pós-colonização, quando se reconstrói, buscando sua verdadeira identidade e estruturando-se para se reencontrar e seguir em frente.

Sua preparação para esse momento de visitar a Índia foi aquela da vida inteira; aquela que ela prescreve na crônica “Oriente-Ocidente”: “deve[-se] preparar a alma para essa visita longínqua, sob a pena de não entender nada, e assustar-se facilmente com os aspectos de pobreza e a

diversidade de hábitos a que será exposta a sua sensibilidade” (MEIRELES, 1999, p. 39).

Sua reverência e respeito pela Índia anula qualquer interesse pelo exótico e nos previne de qualquer caracterização dela como uma orientalista nos termos de Edward Said. Em seus escritos sobre a Índia, “o que encontramos é uma falta impressionante daquele exotismo falso e explorador que Said comentou” (SADLIER, 2007, p. 253). Além disso, Sadlier defende que Cecília é atraída, ao escrever *Poemas escritos na Índia*, pelas mesmas coisas que a atraem ao escrever sobre o Brasil, como a natureza, os animais, a infância, a musicalidade, o cotidiano. Cecília teria, nessa perspectiva, encontrado na arquitetura indiana de arcos e escadas um sucedâneo da arquitetura de música e amor de sua cidade natal – o Rio de Janeiro (SADLIER, 2007).

Aliás, sua posição quanto a uma viagem ao Oriente é a de que se deve evitar a atitude orientalista, conforme citação supracitada: “O viajante ocidental precisa de uma iniciação antes de partir para o Oriente” (MEIRELES, 1999, p. 39). Essa “iniciação” exige o conhecimento da história desses povos antigos, uma noção de seus pressupostos filosófico-religiosos, o familiarizar-se com seus costumes e tradições e a compreensão de sua circunstância atual, de sua dinâmica sociopolítica e cultural perante as configurações mundiais correntes. Especialmente quanto à Índia, há a advertência de que se trata de uma estrutura social de contrastes e paradoxos, por um lado, e de uma fluidez, em oposição à densidade ocidental:

A Índia é toda fluida [...] a multidão passa, com as roupas desprezadas ao ritmo do andar, com a lua

atravessando panos de mil cores [...] A Índia é como um pássaro: como um pássaro muito musical e muito fugitivo, sempre mais longe da terra [...] as mulheres estavam todas envoltas em seus finos véus, de onde surgiam rostos como flores, e mãos tão delicadas, que não se compreendia como podiam carregar jarros d’água, crianças, – às vezes até pedras da estrada em construção. O corpo desaparecia sob esses planejamentos (MEIRELES, 1999, p. 40).

A sua viagem à Índia, em 1953, a convite do Ministro da Índia, Nehru, para participar de uma conferência sobre Mahatma Gandhi, portanto, “foi a encenação natural de um grande concerto intertextual entre tudo o que a poeta conheceu através de fontes indiretas e o ‘texto direto’ de suas percepções sensoriais *in loco*” (LOUNDO, 2007, p. 161).

Em diversos momentos em sua produção, principalmente em crônicas e palestras, Cecília comparou a Índia com o Brasil, demonstrando que compartilhavam aspectos sócio-históricos comuns como ex-colônias, debatendo sobre problemáticas que os países “periféricos” enfrentavam perante um cenário de eurocentrismo persistente.

Dessa forma, Cecília Meireles se mostrou, não só “não orientalista”, como uma crítica dos embates e crises que esses países vivenciavam na primeira metade do século XX.

## TAGORE E GANDHI: DESTERRORIZADOS E DESCOLONIZADOS

Ambos, Tagore e Gandhi, tiveram acesso à formação ocidental (inglesa), ambos conheceram outras realidades por meio de viagens e contatos com estrangeiros, ambos participaram ativamente e com papéis fundamentais para a libertação da Índia e seu processo de recuperação pós-colonial.

Tagore foi intenso viajante. Viajou a diversos países da Europa, ao Japão, à China, aos Estados Unidos, à Argentina e à China (TAGORE, 2010, p. 54). Palestrando sobre a importância da compreensão profunda da premissa do “universalismo” como pré-requisito para a paz mundial, era recebido entre intelectuais e cientistas, como Albert Einstein.

Mesmo longe de seu país, transitando por tantos outros países, Tagore não abdicou do legado filosófico-religioso da Índia. Ao contrário, acreditava que poderia contribuir com a dissolução dos conflitos por meio da disseminação de noções apreensíveis e de benefícios universais; sem proselitismo ou privilegiando seu país de origem com qualquer noção de hierarquia entre as nações, mas simplesmente pelo desejo de compartilhar algo que acreditava ser um bem maior e eficaz para a humanidade.

Aquele a quem Cecília dedica a crônica “O Gurudev” (“o mestre divino”) foi, para ela, “o grande intérprete da sua terra, naquele momento [início do século XX], e do que ela possui de mais alto e puro, em força delicada, poder espiritual, serenidade e inspiração” (TAGORE, 2010, p.

163). Nota-se que Tagore foi um intérprete do repertório indiano filosófico, espiritual e artístico para o mundo ocidental e, especialmente, para Cecília:

[...] a Rabindranath Tagore se chamou o Gurudev, o ‘Professor’ – não no sentido mais ou menos aleatório de mero transmissor de conhecimentos, mas com o significado profundo de um formador de almas, de um Poeta atuante, capaz de abrir para os discípulos – ou simples leitores – caminhos largos e claros de pensamento, de sentimento, de compreensão da vida, de entendimento das nações, com o instrumento da Beleza, que também não é mais que o esplendor da Verdade [...] se recordarmos os poetas da Europa que se comoveram com sua pessoa e com seus poemas, sentimos que ele foi o grande intérprete de sua terra, naquele momento, e do que ela possui de mais alto e puro, em força delicada, poder espiritual, serenidade e inspiração (MEIRELES, 1980, p. 163).

Como educadora, assim como Tagore, Cecília se preocupava com a formação integral (a que hoje chamamos de holística), dando grande valorização à arte como área de conhecimento imprescindível para amadurecer o educando emocionalmente, contribuindo para a vida em sociedade. A arte (talvez especialmente a poesia) como instrumento de formação do indivíduo – formação no sentido mais amplo do termo, muito além da instrução formal, do alfabetizar: “Acordar a criatura humana dessa espécie de sonambulismo em que tantos se deixam arrastar. Mostrar-lhes a vida em profundidade. Sem pretensão filosófica ou de salvação – mas por uma contemplação poética afetuosa e participante” (MEIRELES, 1994, p. 80). Mello considera

que Cecília poetisa seria, nessa perspectiva, alguém “dotado de maior sensibilidade que o comum das pessoas” e, por isso, “na função de intérprete da vida, capaz que é de explicitar as suas contradições e as dissociações entre as aspirações humanas mais profundas e as circunstâncias exteriores” (MELLO; UTÉZA, 2006, p. 141). Para além da interpretação dos paradoxos e contrassensos da vida, com vistas à apreensão de idiossincrasias que permitam vivências menos dolorosas, a formação a que a poetisa se refere indica um aprender sentir: “O escritor é a pessoa que diz o que muitos sentem e não sabem expressá-lo. Nossa responsabilidade é de dizer essas coisas com clareza. E há também, essas coisas que nem todas as pessoas sentem, mas que o escritor ensina a sentir” (MELLO; UTÉZA, 2006, p. 142). Para tarefa tão imprescindível em tempos tão obscuros como no pós-guerra, Cecília verá em Tagore um interlocutor que compactua com sua missão de poeta-educadora e que pode proporcionar uma melhor compreensão dos pressupostos filosófico-religiosos indianos que vê como aporte para sua incumbência de formação dos indivíduos.

Gandhi, por sua vez, também desterritorializado, teve formação na Inglaterra e fomentou seus fundamentos revolucionários durante sua militância na África do Sul. Semelhantemente a Tagore, Gandhi em terras estrangeiras alcançou a síntese necessária para conseguir contribuir em prol do bem-estar coletivo a partir de sua cultura, da herança filosófico-religiosa da Índia que trazia consigo.

Para Cecília, ele ensinou um preceito religioso básico, mas se diferenciou pela regularidade, intensidade e abrangência

com que o disseminou e praticou: “Um homem que disse: ‘Deus é verdade e amor’. Coisa que já não era inédita. O inédito é a sua aplicação na vida diária, – à política e à economia” (MEIRELES, 1999, p. 189).

Ele possuía uma agenda moral e uma conduta comprometidas com a verdade, que visava transmitir ao povo através de seu próprio exemplo, pautadas tanto em seus estudos dos textos sagrados como por sua experiência praticando-as. Sua convicção essencial era de que todas as suas atividades tinham como meta última a busca da Verdade, ou seja, da Verdade Absoluta, ou Deus, e, dessa forma, levava uma vida religiosa, santificada, conforme nos diz em sua autobiografia:

O que almejo alcançar – ao que tenho me esforçado e me fixado por trinta anos – é autorrealização, ver Deus face a face, obter mokña. Eu vivo e me movo e tenho meu ser em busca desta meta. Tudo que eu faço pelo meio da fala e da escrita, e todos meus empreendimentos no campo político são direcionados a este fim (GANDHI, 2011, p. xii, tradução nossa).

Gandhi pode ser considerado um renunciante: desde sua estadia e atuação como advogado na África do Sul, renunciou gradualmente aos bens materiais, aceitando apenas doações que lhe permitissem prestar serviço público, ao qual decide se dedicar como atividade principal vitalícia, como ele diz em sua autobiografia.

E, para oferecer esse serviço público, ele precisava conhecer o povo. Portanto, passou extensa parte da vida viajando para os mais variados locais, às mais remotas vilas e regiões da Índia – o que já havia feito na África do Sul –, a pé ou de

trem na terceira classe, juntamente com os mais humildes:

Num país de grande riqueza imaginativa, onde os Deuses facilmente se podem multiplicar, o Mahatma não pretendeu subir jamais além da sua condição de homem e de cidadão; ao contrário, vemo-lo constantemente procurando descer ao que nessa condição pode existir de mais humilde precário, desditoso, para aprender todas as misérias, e dar-lhes adequada solução. Vemo-lo utilizar transportes de ínfima classe, caminhar a pé com os peregrinos, interessar-se por assuntos domésticos de limpeza, higiene, alimentação, sem que esse constante pousar em níveis tão obscuros perturbe o ímpeto e a extensão de seus voos (MEIRELES, 1980, p. 153).

Mahatma Gandhi deixou-se colonizar ao passar por formação britânica pelo bacharelado em Direito. Em seguida, ao se estabelecer na África do Sul, para praticar advocacia, tornou-se desterritorializado. Entretanto, lutou pela descolonização não apenas sua, mas de sua nação. Ao empreender sua militância pela libertação da Índia, optou por um ativismo que se opôs aos mecanismos da dominação, ou seja, se o colonizador impunha a violência, ele estabeleceu a não violência (*Ahimsa*); se a subalternidade se impôs pelo discurso de depreciação, fazendo com que o povo indiano, neste caso, se achasse jus de dominação, ele teorizou o empoderamento pela construção de identidade (*Swaraj*) por meio da verdade; se a opressão se fazia concreta pela ação (repressão policial ou militar), ele teorizou e praticou a resistência passiva ou a não cooperação (*Satyagraha*). Nessa perspectiva, Gandhi defendia que o mal deve

ser combatido por intermédio do seu reverso e não com uma reprodução sua. Assim, ele estabeleceu um exemplo único de resistência e libertação: combateu a dominação e a opressão não pelo comprometimento com os mecanismos dessas, mas com seu contrário. Outrossim, a revolução gandhiana se estruturou com base em sua própria tradição filosófico-religiosa, o que significa retomar sua própria voz, seu próprio legado tradicional, isto é, retomando sua autonomia de pensamento e identidade.

Ambos, Tagore e Gandhi, portanto, se apresentaram ao mundo desterritorializados e descolonizados. Acionando ambos o legado filosófico-religioso da Índia, mas relativizando esse conhecimento com suas experiências no Ocidente, cientes das necessidades, embates e conflitos nos mais diversos países, ofereceram soluções para a humanidade, através da voz de sua herança retomada, de suas próprias convicções e experiências pessoais com a marginalização da Índia, no contexto mundial, com a colonização, com o contato com o Ocidente, eurocêntrico, orientalista e dominador.

## O QUE MAIS RELACIONA ESSAS TRÊS PERSONALIDADES?

Cecília se referia frequentemente a uma ideia, que seria a da *união humana* ao *universal*; a igualdade entre as pessoas, independentemente de sua circunstância imediata, superficial, externa. Vejamos isso conforme seu relato da palestra que apresentou no congresso gandhiano:

Sinto, – não penso – esta palpitação unânime de terra, esta angústia dos problemas humanos, esta necessidade de estarmos todos próximos, de sermos todos amigos, de nos compreendermos, de nos construirmos, de nos amarmos. Essa unidade do planeta. Este minuto da vida nossa no universo. Raça, religiões, idiomas... Oriente, Ocidente, História. A solidão da Terra, pequenina, e o eterno combate do Bem e do Mal... (MEIRELES, 1999, p. 46).

Seja pela experiência cosmopolita que teve no decorrer de sua vida, desde a infância –com a avó açoriana, na então capital do país fervilhando com estrangeiros –, mais as leituras variadas e precoces, seja pela experiência de observar (de longe) as duas grandes guerras e, assim, a falência das expectativas da modernidade a partir do gênio humano e seus produtos, Cecília, em seu pensamento e arte, busca, reflete sobre, pede por uma urgência pelo universal. Ela aspira por uma consciência da existência como multifacetada, múltipla, porém, una. Sua meta parece ser, na/pela arte e educação, abarcar todas as possibilidades formas e expressões de vida, em prol de uma compreensão e efetivação de uma comunhão afetiva, de um parentesco inerente que abrigue e salve a humanidade de si mesma.

Amplamente devido aos seus estudos gandhianos e tagoreanos, a afinidade da poetisa-educadora com os indianos Tagore e Gandhi se deu em termos de sonhos e em perspectivas. Para ela, o momento da fomentação da independência da Índia, com seus idealizadores, combatentes pacíficos, filósofos, políticos e artistas modernos, que efetivaram o renascimento do país em diversas frentes,

é um momento que contribui para se repensar o humano:

Logo depois [de Tagore], surgia a figura de Gandhi: tempos da “Jovem Índia”, com famosos artigos que remotamente iriam preparando a independência do povo na campanha da não-violência e da não-cooperação com o mal; esse discurso de buscar a verdade e caminhar para ela com a fé e respeito, exatamente como quem busca Deus. Tempos em que se voltava a confiar na espécie humana, na sua possibilidade de ser, com algum esforço, alguma coisa mais do que ela se deixa ser pela simples facilidade da inércia, pela convivência com o transitório, pela transigência com o mal (MEIRELES, 1999, p. 210).

Nota-se, aqui, uma possível referência ao ideário gandhiano que pressupunha uma reforma pessoal, uma autopurificação, como dito anteriormente. Além disso, Cecília se referiu, em outro momento, a essa inércia das pessoas, esse deixar-se levar pelas circunstâncias, como um sonambulismo, para cuja solução, que seria lhes mostrar “a vida em profundidade”, através de “uma contemplação poética afetiva e participante” (BLOCH, apud MEIRELES, 1983, p. 58), tentava contribuir com tudo que fez em literatura, jornalismo, educação e folclore.

Esse reconforto em encontrar as pessoas – Gandhi, Tagore, Sarojíni Naidu, Vinoba Bhave –, esse povo, essa cultura que reverberam os mesmos desejos pelo Bem, pelo Belo e pela paz para o mundo é considerado pela poetisa como dívida:<sup>3</sup> “Ao lembrar essas coisas [vivenciadas na Índia], tão longínquas, sinto a minha dívida para com a Índia” (MEIRELES, 1983, p. 58). Sua expressão em relação ao legado dessa

<sup>3</sup> Há a referência de Loundo a um manuscrito inédito da poetisa intitulado “O que devemos à Índia” (LOUNDO, 2003, p. 23 – nota de rodapé).

cultura milenar é sempre de respeito, admiração e gratidão, como diz, aqui, enquanto descreve sua experiência ouvindo as palestras do congresso gandhiano:

Nós, os do Ocidente, devíamos estar aqui para aprender. (Esta é a minha opinião.) Mas estamos também aqui para contribuir. (O que parece gentileza oriental.) Às vezes, nem ouço o que estão dizendo em redor da mesa. Vou fugindo, fugindo... Vou achando todos os pensamentos ocidentais rasteiros e incolores, diante da experiência humana deste lado do mundo, tão alta, tão viva, tão copiosa (MEIRELES, 1999, p. 188).

Vê-se, aqui, não apenas uma reverência ao saber e à experiência orientais, mas uma crítica ao Ocidente, atrelada a uma humildade pessoal, que é outra face da gratidão. Ao refletir sobre a contribuição desse congresso para o Ocidente – um dos seus objetivos seria um debate e uma sistematização do pensamento e das práticas gandhianos para o mundo –, Cecília se volta para a Educação como meio possível para a difusão desses ideais:

Ponho-me a pensar no que deve ser a sabedoria. E como praticá-la. E tudo é longe, terrivelmente longe: não há convênios, conferências, congressos que transformem o homem de egoísta em generoso, de violento em pacífico, de cruel em manso, de cego em lúcido... O processo de edificação humana é lento, devia ser unânime, constante... Esse processo chama-se Educação (MEIRELES, 1999, p. 197).

Cecília, conhecida mais como poetisa, entretanto, diz, “a minha vocação profunda foi sempre uma: educar”

(MEIRELES, 1999, p. 211), e isso nos dá mais indício de afinidade com as ideias de Gandhi, pois, não sendo poeta, foi sobretudo reformador, ou seja, educador. Assim como Tagore, Gandhi refletiu sobre a educação e fez experimentos nessa área em suas comunidades, ao mesmo tempo em que promoveu a fundação de escolas durante e em locais onde praticou *Satyagraha* em prol de uma comunidade ou classe de pessoas.

Portanto, o ponto convergente entre esses desorientados, desterritorializados e descolonizados seria a convicção na importância da educação para a solução dos conflitos e sublimação das mazelas causadas pela modernidade e pelas duas grandes guerras. Além disso, o conceito do universalismo, da união humana se destacou majoritariamente em seus debates, escritos, conferências etc.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Voltamo-nos a três personalidades cuja origem não era europeia, mas dos territórios de dominação que, entretanto, trilharam trajetórias, teóricas e/ou concretas pelos territórios dominantes, e que tentaram um diálogo ou síntese pós-colonialismo, especialmente. Essas três personalidades, a poetisa, educadora e folclorista brasileira Cecília Meireles, o poeta, educador e pensador indiano, primeiro prêmio Nobel não europeu Rabindranath Tagore, e o advogado, revolucionário e pacifista indiano Mahatma Gandhi, buscaram suas ideias na Índia, em seu momento de reconstrução no

pós-colonialismo: entre sua retomada de voz própria e a ressurreição da cultura nativa, a partir da nova composição como aquela deixada pela coroa britânica ao deixar a Índia. Sobretudo, buscamos definir os temas que mais os aproximavam, em suas atividades, sejam as de escrita, de militância, de discurso, e encontramos duas constâncias: o tema da educação e do universalismo. Ambos relacionados com a solução de conflitos e com o objetivo de uma vida harmoniosa e humanizada no pós-guerra.

## REFERÊNCIAS

GANDHI, Mahatma. **My experiments with the truth: an autobiography**. New Delhi: Little Scholarz Pvt Ltd., 2011.

LOUNDO, Dilip. **Cecília Meireles: travelling and meditating. Poems written in India and other poems**. New Delhi: Embassy of Brazil, 2003.

LOUNDO, Dilip. Cecília Meireles e a Índia: viagem e meditação poética. In: GOUVÊA, Leila V. B. (Org.). **Ensaaios sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas, 2007. p. 129-178.

LOUNDO, Dilip. “A praia dos mundos sem fim”. Os encontros de Rabindranath Tagore com a América Latina. **Aletria**. Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 41-56, maio-ago. 2011.

MEIRELES, Cecília. **O que se diz e o que se entende**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MEIRELES, Cecília. **Obra Poética**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1983.

MEIRELES, Cecília. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1994.

MEIRELES, Cecília. **Crônicas de Viagem**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. v. 1, 2, 3.

MELLO, Ana M. Lisboa de; UTÉZA, Francis. **Oriente e Ocidente na poesia de Cecília Meireles**. Porto Alegre: Libretos, 2006.

SADLIER, Darlene J. ABC de Cecília Meireles. In: GOUVÊA, Leila Vilas Boas (Org.). **Ensaaios sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2007. p. 239-262.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TAGORE, Supriyo. **A escola do poeta. Índia: perspectivas**, v. 24, n. 2/2010, p. 12-19, 2010. Disponível em: <[http://www.indembangola.org/document/May\\_10.pdf](http://www.indembangola.org/document/May_10.pdf)>. Acesso em: 2 out. 2014.